

6º Encontro da ABRI: Perspectivas sobre o Poder em um mundo em redefinição.

25 a 28 de julho de 2017, PUC Minas - Belo Horizonte – MG

Área Temática: Teoria das Relações Internacionais

RELIGIÃO E MARXISMO NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO RUSSA (1917) E SEUS DESDOBRAMENTOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Fábio Régio Bento – Universidade Federal do Pampa

Resumo

Como verificou Jeffrey Haynes em suas pesquisas (entre elas, Religion, politics and International Relations, 2011), as religiões influenciam as relações internacionais, o que pode ser observado, descrito e interpretado por meio de estudos de caso.

Neste artigo estudaremos as relações entre religião e marxismo no contexto da Revolução Russa (1917), com o objetivo de identificar as características e origens da posição ateísta, em vez de laica, adotada pela ex-URSS, que foi difundida internacionalmente em suas relações com Estados amigos da então URSS. Em pesquisa anterior, de nossa autoria, publicada na Revista Conjuntura Austral (v. 7, n. 33-34, 2016), verificamos que, mesmo sendo Karl Marx ateu, não se pode dizer o mesmo do marxismo, cujo materialismo não é crente nem ateu, mas leigo. Trata-se de um materialismo sociológico, focado na análise das relações materiais de produção, não sendo, portanto, materialismo filosófico nem teológico. Verificamos também em tal pesquisa que Moscou, antes de 1991, promoveu tomadas de posição que vinculavam o marxismo ao ateísmo nas suas relações com a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), na Nicarágua, e nas suas relações com Cuba até 1985, para citar dois exemplos identificados. Emergiu, então, a dúvida acadêmica que pretendemos verificar nessa pesquisa, a saber, sobre as origens e características da orientação pró-ateísmo adotada pela Rússia revolucionária e se as origens dessa posição encontram-se no leninismo, no stalinismo, como posição doutrinal, ou, na verdade, foram uma resposta pragmática (e programática) desenvolvida como reação ao anticomunismo internacional, doutrinal e pragmático, praticado pela Igreja Ortodoxa próxima ao czarismo durante o período da Revolução de 1917, e pela Igreja Católica próxima aos Estados capitalistas, antes e durante a Guerra Fria.

Palavras-chave: Relações Internacionais, Revolução Russa, Marxismo, Religião

Introdução

A temática das relações práticas e teóricas entre socialismo, marxismo e religião é complexa, mas frequentemente tratada de forma panfletária pelos amigos e inimigos revolucionários ou conservadores das religiões.

Certamente um dos pesquisadores mais dedicados ao tema do estudo científico das relações entre religião e marxismo é o sociólogo Michael Löwy, com ampla produção de livros, artigos e aulas registradas televisivamente sobre a temática, entre eles *Marxismo e Teologia da Liberação* (1991), livro onde analisa o surgimento, desenvolvimento e características do movimento de cristãos de esquerda conhecido como Teologia da Liberação, onde Löwy destacou que as mudanças de lugar social praticadas por setores da Igreja Católica no âmbito latino-americano das lutas de classe estavam gerando certa perturbação intelectual entre aqueles marxistas habituados a repetir o mantra não-marxista, para Löwy, mesmo se citado por Marx, segundo o qual a religião seria sempre e em qualquer circunstância ópio do povo. E sublinhou que “já é tempo dos marxistas se darem conta de que qualquer coisa de novo está ocorrendo” (1991, p.08).

Nessa pesquisa não entraremos na análise da contestação da tese da religião ópio porque já o fizemos em outro trabalho (BENTO, 2015-2016). Em síntese, para Löwy, a frase “a religião é o ópio do povo” não é uma frase de Marx, nem marxista, mas uma frase citada por Marx em 1844. A posição analista marxista em relação à religião é a que começa a emergir em *A Ideologia Alemã* (1846), onde a religião é interpretada como ideologia, nesse caso, confessional, ao lado do direito, da filosofia, no âmbito da superestrutura, com a finalidade de conservar as relações materiais de produção, a hegemonia da classe dominante, ou, no caso das ideologias revolucionárias, mudar as relações materiais de produção (*Ibidem*, p.13-35).

Sobre essa temática, em *A Guerra dos deuses – Religião e Política na América Latina* (2000), Löwy sustentou que “o marxismo deixou de ser um sistema fechado e rígido sujeito à autoridade ideológica de Moscou e se tornou uma vez mais uma cultura pluralista, uma forma dinâmica de pensamento, aberta a várias opiniões e, portanto, acessível a uma nova interpretação cristã” (2000, p.120).

Michael Löwy certamente é um marxista não-dogmático em relação à hermenêutica da religião, como suas publicações nos indicam, mas será que podemos afirmar que essa seja a tendência geral? Por ocasião da Festa da Liberação do Nazifascismo na Itália, no dia 25 de abril de 2017, entrevistamos, em Roma (Porta San

Paolo), alguns membros jovens e adultos de partidos e correntes comunistas sobre as relações entre religião e marxismo. Todos os que entrevistamos conheciam o movimento da Teologia da Libertação, reconheciam que houve experiências de colaboração prática entre marxistas leigos e religiosos na América Latina, mas ainda sustentavam a tese da incompatibilidade doutrinal entre religião e marxismo. A nosso aviso, emergia a interpretação da religião como resquício de irracionalidade da humanidade, a ser eliminado com a superação da luta de classes e a substituição da racionalidade religiosa pela racionalidade científica. Dessa forma, a eventual colaboração desses marxistas com uma esquerda revolucionária religiosa poderia ser entendida apenas como instrumental, ou oportunista mesmo: aceita-se a colaboração da esquerda religiosa nos processos históricos a partir do reconhecimento, porém, do ateísmo como posição qualitativamente superior e constitutiva do marxismo em relação aos revolucionários religiosos. Certo que essa não é a posição de todos os marxistas leigos hodiernos. Citamos esse caso apenas como contraponto em relação ao outro dado, também real, que consiste na abertura de setores marxistas leigos em relação ao reconhecimento da religião como ideologia confessional que pode ser também revolucionária do ponto de vista teórico e prático.

Ora, é sobre tal questão que queremos discorrer ao longo desse artigo. Tentar identificar a origem da posição negativa de marxistas leigos em relação à religião, até mesmo em relação à religião de religiosos revolucionários. Vejamos três hipóteses hermenêuticas de trabalho:

1. Religião ópio. A tese da associação entre religião ópio e Marx já foi explicada e contestada por Michael Löwy, conforme pode-se verificar no artigo e na bibliografia do artigo de nossa autoria supracitado (BENTO, 2015-2016). A religião pode ser ópio, mas pode ser, também, alavanca revolucionária, conforme ocorreu nas “revoluções com fé”, na Nicarágua e El Salvador (*Ibidem*). A teoria marxista da religião não é a da religião reduzida sempre a ópio, mas a da religião como ideologia confessional, situada na superestrutura, com o objetivo de justificar as dominações de classe, mas, também, com a possibilidade real de condenar a dominação de classe e promover, também, com hermenêuticas teológicas da revolução, processos históricos de emancipação popular (*Ibidem*).

2. Internacional anticomunista católica. Desde a segunda metade do século XIX, vários papas e prelados do alto clero promoveram teórica e praticamente posições anticomunistas que foram difundidas pelo mundo e tal anticomunismo católico internacional sustentou intelectualmente movimentos fascistas anticomunistas no

Chile, na Argentina, no Vietnã, no Brasil. Porém, se, de um lado, houve e ainda existe esse movimento anticomunista de matriz católica conservadora, de outro lado, a partir do Concílio Vaticano II, várias teologias políticas críticas, católicas e de evangélicos históricos, como a Teologia Política de Metz, a Teologia da Esperança, de Moltmann, a Teologia da Revolução, de Comblin, e a Teologia da Libertação ganharam espaço no mundo. No caso da Teologia da Libertação, teremos não apenas um movimento intelectual de teólogos antissistêmicos em relação ao capitalismo, mas um “vasto movimento” que, a partir da América do Sul e Central vão influenciar nos processos históricos de emancipação popular, criando assim uma espécie de Internacional Católica da Libertação (BENTO, 2016). Dessa forma, assim como existe essa Internacional Católica da religião ópio, para a conservação do status quo capitalista (Internacional anticomunista), há, também, esse movimento local e internacional da religião “urtiga”, religião crítica em relação ao capitalismo e que hoje, inesperadamente, conta com o apoio de um papa, o Papa Francisco, que desde os primeiros tempos de seu pontificado surpreendeu com sua crítica mordaz do sistema internacional capitalista:

A causa principal da pobreza é um sistema econômico que deslocou a pessoa do centro e ali colocou o deus dinheiro; um sistema econômico que exclui, exclui sempre: exclui as crianças, os idosos, os jovens, sem trabalho... e que cria a cultura do descarte em que vivemos (PAPA FRANCISCO, 2015).

Certos marxistas e marxismos seriam contrários à religião por ela ser ópio e anticomunista, mas como sustentar tal hipótese dado que a história recente mostrou a existência de movimentos revolucionários antissistêmicos orientados por teologias com hermenêuticas revolucionárias? Como explicar a condenação das religiões feita por certos marxistas e marxismos não obstante tenhamos hoje religiões revolucionárias dotadas de teologias antissistêmicas? Aqui emerge a terceira hipótese, que é a que nos acompanhará nesse percurso investigativo.

3.A adoção do ateísmo como posição filosófica, constitutiva pelo socialismo soviético desde suas origens e difundida internacionalmente como posição marxista obrigatória.

Seria o marxismo constitutivamente ateu ou, em vez de ateu, o materialismo do marxismo seria laico, nem crente nem ateu? A interpretação do materialismo do marxismo como materialismo ateu-filosófico, em vez de laico-sociológico, foi a escolhida e difundida pelo socialismo soviético. Com essa hipótese trabalharemos nesse artigo.

1.0. Socialismo soviético e religião

Iniciaremos esse capítulo citando dois dados sobre Nicarágua e Cuba que emergiram no final de nosso artigo anterior (AUTOR, 2015-2016), contexto investigativo de nascimento da hipótese de trabalho da presente pesquisa.

Nicarágua

No dia 11 de abril de 2014, uma sexta-feira, em entrevista que nos concedeu pela manhã, em Manágua, na sede do Movimento Fe y Alegria, o sacerdote jesuíta Fernando Cardenal, que foi ministro de Estado da junta revolucionária sandinista, nos explicou que, em 1975, Carlos Fonseca Amador, fundador da Frente Sandinista de Libertação Nacional, o convidou para uma reunião clandestina, junto a seu irmão Ernesto Cardenal, também ele sacerdote. O comandante Carlos Fonseca, que seria assassinado alguns anos depois, explicou-lhes o motivo da reunião. No relato de padre Fernando, disse-lhes Fonseca:

“Aqui na Nicarágua vamos fazer uma revolução. Precisamos de vocês, sacerdotes. Lá em Moscou eles não entendem que o nosso povo é religioso e revolucionário. Aqui nós vamos fazer uma revolução popular. Uma revolução com fé. E precisamos de vocês, sacerdotes”. Fonseca compreendeu a fé popular. Disse que “essa fé precisa de sacerdotes como vocês. O povo não precisa deixar de ser cristão para ser revolucionário”. Na Nicarágua, a fé não era ópio somente, mas urtiga, fé urtiga, revolucionária. Nós, sacerdotes, não fomos combater diretamente, pois nos disseram que os jovens guerrilheiros sabiam fazer isso melhor do que nós. Atuamos nas relações internacionais, promovendo a revolução. Somente eu visitei mais de 80 cidades da Europa explicando nossa revolução. Países da América Central e do Sul que apoiavam nossa revolução a ajudavam com armas, dinheiro e transporte de armas¹.

Percebe-se, portanto, pelo relato, que houve um “choque filosófico” entre Carlos Fonseca e Moscou sobre a questão religiosa. E percebe-se, também, que Carlos Fonseca rejeitou a orientação de Moscou, optando pela incultração do marxismo em terras latino-americanas, em vez de seguir a cartilha do socialismo soviético: “Lá em Moscou não entendem que nosso povo é religioso e revolucionário”. Chamou os sacerdotes sandinistas e pediu-lhes ajuda, destacando que a Nicarágua faria uma “revolução com fé”.

Cuba

¹ Outros detalhes sobre essa reunião clandestina entre Carlos Fonseca Amador e os irmãos sacerdotes podem ser verificados no livro de memórias de Cardenal: Fernando Cardenal SJ. Junto a mi pueblo, con su revolución-Memorias. Madrid: Editorial Trotta, 2009, p.94-95.

Vejamos um outro relato, agora em Cuba, feito também por um sacerdote.

O teólogo brasileiro Clodovis Boff, em sua visita a Cuba, em setembro de 1985, a convite do próprio governo socialista cubano, destacou que “um ponto problemático para a Igreja em Cuba” é a educação que se ministra nas escolas, com o ensinamento de “postulados ateus”, e explicou:

Tive nas mãos um livro de ‘filosofia materialista’, usado nas escolas, onde se ensina com todas as letras que Jesus era um mito inventando nos primeiros séculos e que serviu aos pobres para se consolarem de sua condição oprimida... Falamos disso ao Ministro da Educação, dizendo que tal situação não é de modo algum sustentável nem mesmo do ponto de vista da crítica histórica. Ele nos disse que, por falta de literatura educativa própria, os livros de formação ideológica que usam nas escolas são, em sua maioria, traduzidos do russo e de outras línguas (1989, p.35).

Cuba, conforme o comentário do Ministro da Educação, havia, porém, adotado então tal livro não por razões de convicção filosófica, mas de necessidade econômica.

Posteriormente, em 1987, o teólogo Clodovis Boff fará uma viagem com outros teólogos latino-americanos da libertação à URSS, e fará algumas considerações que depois apresentaremos em nossa pesquisa. Antes disso, vejamos resumidamente algumas características da Revolução Russa de 1917 e o seu decorrente socialismo soviético, do ponto de vista de nossa temática específica.

1.1.Origens do ateísmo soviético

Não temos como objetivo estudar as complexas relações entre Igreja Ortodoxa e Rússia Imperial, nem mesmo os detalhes das relações entre Igreja Ortodoxa e socialismo soviético, mas identificar as origens do ateísmo que foi adotado no contexto soviético e exportado para outros Estados e partidos comunistas como se fosse constitutivo do materialismo sociológico do marxismo.

A Rússia Imperial pré-revolucionária tinha a seu serviço “a burocracia civil, a polícia política, as Forças Armadas e a Igreja Ortodoxa” (REIS FILHO, 2003, p.16).

Segundo Leonardo Coimbra, “é com os czares de Moscovo que a Rússia proclama a autocefalia da sua Igreja e refaz, como ‘Terceira Roma’ o centro da verdadeira fé ortodoxa”. Porém, para ele, “é o autocratismo czarista que dispõe inteiramente da ortodoxia, fazendo dos patriarcas, servos obedientes”. Dessa forma, a Igreja Ortodoxa “não teve, pois, na Rússia, uma situação feliz”, estando “encerrada no conservadorismo da herança bizantina” e sendo “maltratada pelo imperialismo dos czares” (1962, p.246, 247, 252.).

É noto que o sujeito coletivo confessional majoritário na Rússia Imperial pré-revolucionária, a Igreja Ortodoxa, encontrava-se estritamente vinculado à classe dominante, ao poder imperial russo. Para Coimbra, conforme citação anterior, tal vinculação entre patriarcado ortodoxo russo e czarismo significava apropriação da religião ortodoxa pelo poder imperial. Ora, sendo tal vinculação apenas suportada ou mesmo admitida pela Igreja Ortodoxa Russa, está de fato que havia tal vinculação entre religião e autocracia czarista e uso político dessa religião típica como forma ideológico-conservadora de manutenção do poder imperial russo. Tal ideologia confessional, em suma, foi útil ao poder político imperial. Todavia, a nosso aviso, como veremos, a teoria do ateísmo associado ao materialismo do marxismo não deriva da conjuntura histórica das religiões conservadoras, reacionárias (religião ópio), mesmo se tal conjuntura reforçou a tese doutrinária da associação coercitiva entre materialismo marxista e ateísmo propagada pelo socialismo soviético.

Segundo a síntese de Daniel Aarão,

Para consolidar a ordem, o tsarismo contava com a Igreja Ortodoxa. Ela conservava uma certa autonomia, não podendo ser considerada um mero instrumento de poder tsarista. Seria também um equívoco imaginá-la como um todo monolítico. Havia uma grande diversidade entre os altos hierarcas imersos na vida mundana dos grandes centros urbanos, os monges recolhidos em orações nos mosteiros fechados, e os párocos (os popes) de aldeia compartilhando com os fiéis as agruras e as circunstâncias da vida de miséria, de lama e de vodca, nos confins dos campos russos. Entretanto, era uma Igreja comprometida, em grande medida, com uma religiosidade cristã conformista e resignada, subserviente, subordinada funcionalmente ao poder tsarista, dependente dele (subsídios e emolumentos), supervisionada nos altos escalões pelo procurador do Santo Sínodo, nomeado pelo tsar. A divisa oficial do império – um Tsar, uma Nação, uma Fé e a convicção de que Moscou era a encarnação da Terceira Roma, sede de um cristianismo íntegro, ainda não corrompido pelas tentações do mundo – fazia da Ortodoxia uma religião oficial, mesmo porque o tsar era um soberano de direito divino, o que trazia óbvias implicações nas relações entre o Poder e a Religião (REIS FILHO, 2003, p.18).

Essa posição hegemônica da Igreja Ortodoxa e o uso político dela pelo tsarismo manifestou-se também após os conflitos de 1905, ou revolução de 1905. Como forma de aumentar a repressão e impedir a dispersão na Rússia Imperial, o tsarismo “inclinou-se por uma política ultrachauvinista de russificação. Reduziram-se drasticamente as margens de tolerância e as propostas de integração. Em seu lugar, a imposição da língua russa e da religião ortodoxa como língua e religião oficiais do Estado” (Ibidem, p.49).

Dessa forma, eram represados os elementos considerados de subversão pela Rússia Imperial por meio da religião ortodoxa e idioma como forma de uniformização,

padronização para fins de unidade política do sistema pré-revolucionário. É desse período o texto de Vladimir Lenin intitulado Socialismo e Religião.

1.1.1. Socialismo e religião segundo Lenin

Em Socialismo e Religião (Sotsializm i Religia), texto publicado em 03 de dezembro de 1905 no número 28 da revista Novaia Zhizn (Nova Vida), encontramos um Lenin que, de um lado, sustenta o gradual desaparecimento da religião pela substituição da racionalidade religiosa pela racionalidade científica, considerando incompatível a junção dessas duas racionalidades, e, de outro, permite a presença de crentes revolucionários no partido:

A unidade dessa luta realmente revolucionária da classe oprimida pela criação do paraíso na terra é mais importante para nós do que a unidade de opiniões dos proletários sobre o paraíso no céu. Eis por que não declaramos nem devemos declarar nosso ateísmo em nosso programa; eis por que não proibimos nem devemos proibir aos proletários que conservaram vestígios dos velhos preconceitos de aproximar-se de nosso partido. Sempre prearemos a concepção científica do mundo, e é indispensável que lutemos contra a incoerência dos “cristãos”, mas isso não significa de modo algum que se deva pôr a questão religiosa em primeiro lugar, o qual de maneira alguma lhe pertence, nem que se deva permitir a dispersão das forças da luta econômica e política realmente revolucionária por causa de opiniões ou delírios insignificantes que perdem rapidamente todo significado político e são rapidamente jogados no ferro-velho pelo próprio curso do desenvolvimento econômico (LENIN, 1905).

A acolhida dos crentes socialistas indicada por Lenin manifesta um sentido instrumental: eles são considerados importantes para a revolução por serem socialistas, não por serem crentes, devem ser acolhidos com sua bagagem de fé religiosa, por isso a rejeição do ateísmo no programa, o que afastaria a priori os socialistas crentes, mas isso tudo porque Lenin acreditava que com o “curso do desenvolvimento econômico” os crentes socialistas continuariam sendo socialistas mas deixariam de ser crentes.

Trata-se da velha tese liberal-burguesa, positivista, científico, iluminista da religião destinada ao declínio por ser resíduo de irracionalidade da humanidade. O “próprio curso do desenvolvimento econômico” libertaria os socialistas crentes das trevas iracionais da superstição (religião como ilusão). Lenin, como veremos, não se dissocia da avaliação que a burguesia liberal adotou para combater a religião tradicional que dava suporte ideológico ao poder monárquico: resquício de irracionalidade da humanidade a ser substituído pelas luzes da racionalidade

científica. Ao contrário, assume essa tese como própria. Portanto, não se tratava apenas de condenar a religião ópio do povo, a religião historicamente conservadora do ponto de vista conjuntural e estrutural, situada como cola ideológica confessional legitimadora da hegemonia das classes dominantes. Não se fez apenas a crítica conjuntural, histórica, mas filosófica, ontológica, metafísica. Lenin tolerou o ingresso de socialistas crentes, não permitindo a oficialização do ateísmo no programa do partido porque acreditava que o ateísmo substituiria as crenças religiosas “naturalmente”, ao longo do “próprio curso do desenvolvimento econômico”.

Para ele, “o operário consciente moderno, formado pela grande indústria fabril e esclarecido pela vida urbana, repele com desprezo os preconceitos religiosos”. E ainda: “O proletariado moderno põe-se ao lado do socialismo, que se vale da ciência na luta contra o nevoeiro religioso e liberta os operários da fé na vida após a morte por meio de sua arregimentação para uma verdadeira luta por uma vida terrena melhor” (*Ibidem*).

Lenin era ateu, como Marx também o foi, e isso é apenas um dado biográfico, mas o ateísmo transformado em doutrina filosófica do socialismo soviético, já a partir de Lenin, já é um dado político-institucional.

Em seu texto de 1905, Lenin não apenas sustentou que a religião “deve ser declarada um assunto privado” (*Ibidem*), aliás, outra tese típica da burguesia liberal revolucionária, mas declarou que o “nevoeiro religioso” deveria ser combatido. Permite, de um lado, que socialistas crentes ingressem no partido e sustenta, de outro, que “nós fundamos nosso partido, o POSDR (Partido Operário Social-Democrata da Rússia), entre outras coisas, precisamente para essa luta contra o entontecimento religioso dos operários” (*Ibidem*). Ou seja, em vez de analisar a religião apenas do ponto de vista de sua localização histórica na luta de classes, a anatemiza filosoficamente do ponto de vista de sua racionalidade específica. Afirmou que “nossa programa baseia-se todo numa concepção científica, a saber, materialista do mundo” (*Ibidem*), misturando análise das relações histórico-materiais de produção (materialismo marxista) e metafísica religiosa do ateísmo (materialismo como ateísmo). Destacou, em relação ao programa que o partido deveria seguir, que “nossa propaganda também inclui necessariamente a propaganda do ateísmo” (*Ibidem*). Assim, não exige a renúncia à fé religiosa dos socialistas crentes, mas os obriga a adotar a “propaganda do ateísmo”, recorrendo, no decorrer de sua reflexão, a Engels para justificar seu materialismo metafísico em relação à religião:

Teremos agora, provavelmente, de seguir o conselho que Engels deu certa vez aos socialistas alemães: traduzir e difundir maciçamente a literatura iluminista e ateísta francesa do século XVIII (Ibidem).

Aqui é explicitado o que já aparece de forma implícita em outras partes do texto: o ateísmo militante de Lenin, que ele apresenta como programa de propaganda de partido, deriva da adesão ao ateísmo da burguesia iluminista-positivista, típico da ideologia burguesa do progresso, que considera a racionalidade religiosa como superstição irracional que desapareceria gradualmente pelo progresso da ciência.

Lenin insere o ateísmo iluminista burguês na história do socialismo soviético, que permanecerá como dogma soviético até o seu declínio, como veremos, na forma de positivismo socialista. Tal solução de continuidade com a tradição ateísta burguesa produzirá consequências políticas no socialismo soviético e sua área internacional de influência.

2.0.Ateísmo e ideologia do progresso como herança burguesa do socialismo soviético

Os processos de secularização da sociedade e laicização de Estados e escolas foram capitaneados pela burguesia revolucionária emergente em luta contra o antigo regime monárquico clerical que se sustentava ideologicamente em bases confessionais.

Para derrubar a monarquia seria preciso também derrubar a religião que a sustentava ideologicamente. Assim, o iluminismo antes e positivismo depois não propunham o ateísmo como questão metafísica de intelectuais de academia, mas como questão voltada para a substituição da hegemonia monárquico-clerical pela hegemonia burguesa.

A burguesia revolucionária precisava combater-enfraquecer a ideologia confessional da monarquia para derrubar a hegemonia monárquica e ocupar seu lugar. Assim, o terreno da luta se dava no âmbito do modo de produção e, também, no âmbito da reprodução ideológica voltada à manutenção desse modo de produção. Dessa forma, laicização do Estado e secularização da sociedade não foram obras da “humanidade” nem de pensadores “iluminados”, mas obra da revolução burguesa na construção de sua hegemonia, da qual os pensadores iluministas foram intelectuais funcionais. Somente após a derrubada da religião monárquica ocorrerá certa reconciliação entre burguesia e religião, por obra do protestantismo calvinista que legitimou religiosamente o “homem de negócios”, dando ao burguês e suas atividades

capitalistas um significado até messiânico, dotando a então desprezível atividade capitalista de sentido ético-religioso, conforme estudou Max Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

Antes, porém, dessa relativa conciliação entre burguesia e religião, a burguesia revolucionária fechou conventos, supriu ordens e congregações religiosas, apropriou-se de bens eclesiásticos, passou freiras e padres na lâmina da guilhotina, e celebrou, na Catedral de Notre-Dame, em novembro de 1793, a Festa da Deusa Razão, que libertaria a “humanidade” das trevas da superstição (MARTINA, 1995, p.15-17). Ações que faziam parte do “sonho de Robespierre de deschristianizar a França” (*Ibidem*, p.21). O ateísmo científico foi uma produção revolucionária necessária à revolução burguesa. A “hostilidade contra a igreja e contra a prática religiosa, de fato, partia da burguesia e, sobretudo, daquela burguesia liberal-profissional que estava na linha de frente na revolução” (LÖNNE, 1991, p.95). Assim, com o Estado liberal-burguês, se passa da confessionalidade de Estado, dos séculos anteriores, ao Estado laicista, muito mais antirreligioso do que laico (SPINELLI, 1988, p.59-63). E tal posição burguesa será adotada por Lenin como posição obrigatória do socialismo soviético. Podemos, porém, nos perguntar se, de fato, essa posição faz parte da metodologia do marxismo, que analisa o papel das religiões ao interno da história da luta de classes, ou se trataria de uma posição filosófica pessoal de alguns revolucionários, levada, porém, ao movimento socialista como se fosse tese marxista. A posição da revolucionária marxista Rosa Luxemburgo, por exemplo, a respeito dessa temática foi radicalmente diferente da adotada por Lenin. Em *A Igreja e o Socialismo*, texto de 1905, mesmo ano do texto de Lenin sobre religião e socialismo, Rosa Luxemburgo estuda uma religião específica, o cristianismo, de um ponto de vista histórico-político, segundo os critérios analíticos do materialismo histórico (2011, p.177-206), destacando que, a seu aviso

Cada um é livre para ter sua fé e opinião, que lhe dê tranquilidade de espírito; e a ninguém é dada a liberdade para perseguir ou ofender a convicção religiosa das outras pessoas. É isto que defendem os social-democratas. (*Ibidem*, p.178).

De qualquer forma, a recomendação citada por Lenin segundo a qual os socialistas deveriam dar continuidade a determinados postulados da tradição burguesa iluminista indica ao menos certa relação de ambiguidade entre socialismo revolucionário e a ideologia burguesa positivista do progresso.

A respeito dessa relação, Immanuel Wallerstein, no livro *Capitalismo histórico e civilização capitalista* (2007), tratando sobre o futuro dos movimentos antissistêmicos

internacionais, destacou que “a adesão marxista ao modelo evolucionário de progresso tem sido uma enorme armadilha, da qual os socialistas só começaram a desconfiar recentemente” (2007, p.84). E ainda: “Até agora, a ‘revolução proletária’ tem se inspirado, em maior ou menor grau, na ‘revolução burguesa’” (Ibidem, p.91). Nessa ausência de ruptura entre revolução socialista e revoluções burguesas, considerada por ele como armadilha, se insere, a nosso aviso, também a militância soviética-ateísta de origem iluminista.

Segundo Wallerstein,

Desde o começo, a variante socialista dos movimentos antissistêmicos sempre foi comprometida com o progresso científico. Desejoso de se distinguir de outros que ele mesmo criticou como ‘utópicos’, Marx afirmou estar defendendo o ‘socialismo científico’. Seus escritos enfatizaram as maneiras como o capitalismo era ‘progressista’. O conceito de que o socialismo surgiria primeiro nos países mais ‘avançados’ sugeria um progresso mediante o qual o socialismo se desenvolveria a partir do (e em contraposição ao) avanço do capitalismo. A revolução socialista emularia e viria depois da ‘revolução burguesa’. Alguns teóricos posteriores chegaram a argumentar que era dever dos socialistas apoiar a revolução burguesa naqueles países em que ela ainda não tivesse ocorrido (Ibidem, p.75-76).

Essa solução de continuidade entre revolução e ideologia burguesas e socialismo científico vincularia a revolução socialista ao capitalismo, entendido como sistema de acumulação, transformando, em algumas situações, o capitalismo burguês em capitalismo de Estado. Assim, para Wallerstein, em vez de revolucionária, “a estratégia clássica da esquerda foi parte do cimento integrador da civilização capitalista” (Ibidem, p.131).

Wallerstein critica o capitalismo histórico e sua ideologia do progresso porque, a seu aviso, tal sistema piorou o mundo em vez de melhorá-lo (Ibidem, p.82), e, por isso, rejeita a aproximação que ele considera equivocada entre marxismo e ideologia burguesa do progresso. Para ele, “mesmo um crítico tão resoluto do capitalismo histórico como Karl Marx deu grande ênfase ao seu papel historicamente progressista. Eu não acredito nisso, a menos que por ‘progressista’, queiramos dizer que ele é historicamente posterior” (Ibidem, p.38). Por isso, sua consideração por Marx como sendo uma “figura monumental”, a ser tratado, porém, “como um camarada de lutas que sabia tanto quanto ele sabia” (Ibidem, p.10, 11).

Para Wallerstein, em suma, a ideologia burguesa do progresso e o capitalismo histórico, entendido como sistema da acumulação incessante de capital, não trouxeram progresso, mas regresso. Pioraram o mundo em vez de melhorá-lo. Por tal motivo ele critica a ausência de ruptura de certos marxismos com o capitalismo

histórico e sua ideologia burguesa do progresso, ausência essa que pode ser verificada no texto de Lenin sobre Socialismo e Religião, ao menos no que diz respeito à introdução do ateísmo científico da burguesia iluminista e positivista no nascente socialismo soviético.

Segundo Lenin, não se pode “dissipar os preconceitos unicamente por meio da propaganda”, pois “o jugo da religião sobre a humanidade é apenas produto e reflexo do jugo econômico que existe dentro da sociedade” (LENIN, 1905). Assim, sua estratégia de propaganda ateísta deveria ocorrer de duas maneiras: com a substituição da racionalidade religiosa pela racionalidade científica, estratégia burguesa tradicional (iluminismo, positivismo) que ele adotou afirmando ser uma recomendação de Engels (positivismo socialista soviético), e via “desenvolvimento econômico”, já que a “escravidão econômica” seria a “verdadeira fonte do entontecimento religioso da humanidade” (*Ibidem*). Dessa forma, a “ciência” e a eliminação da pobreza acabariam com a religião, segundo o pai do socialismo soviético, tese-previsão propagandística infundada do ponto de vista histórico-científico, dado que as religiões não desapareceram nem deixaram de influenciar, mas modificaram sua forma de influenciar Estados e organizações contemporâneas (CARLETTI; FERREIRA, 2016).

Ora, as medidas de combate à religião que foram desenvolvidas ao longo dos anos na URSS e nos Estados e partidos sob sua influência, foram coerentes com essa lógica do duplo combate, via ciência (positivismo socialista) e via eliminação da pobreza, lógica que considera a ciência (e o marxismo) como constitutivamente ateísta, em vez de leiga.

Lenin, portanto, não proibiu que crentes socialistas ingressassem no partido porque queria contar com eles e porque acreditava que a fé religiosa deles, que chamou de “ferro-velho”, “bolor medieval” (LENIN, 1905), seria naturalmente abandonada no curso do desenvolvimento econômico, substituída pela deusa ciência da burguesia francesa revolucionária. E tal posição, imposta como decisão de vanguarda dirigista, tornou-se constitutiva e inconteste no socialismo soviético.

Segundo Daniel Aarão, de fato,

Entre os bolcheviques, formara-se muito cedo o consenso, vinculado à ortodoxia social-democrata, de que o Partido detinha a verdade científica do processo histórico. Assim, não havia alternativa às formulações oficiais do Partido, pois ninguém podia ter razão contra ele. Essas ideias, ancoradas em profundas convicções, atribuíam à política um caráter científico, autorizando e legitimando tendências autoritárias, agrilhoando as discussões: quem poderia questionar uma

decisão científica, quem poderia ousar contrariar o Partido, único intérprete qualificado dos interesses históricos do proletariado? Tratava-se de concepções compartilhadas por todos os discípulos de Lenin... (REIS FILHO, 2003, p.82).

O irônico do positivismo socialista é que a religião não foi reduzida à esfera privada, como recomendava Lenin, nem meramente separada do Estado. Na verdade, de fato, o positivismo soviético, como já o fizera antes o positivismo burguês, apropriou-se de rituais constitutivos da religião ressignificando-os, criando “cultos socialistas” de Estado, com a mumificação de Lenin, as peregrinações-procissões ao seu mausoléu, e a transformação, na sequência, de Stalin em “Guia Supremo, o Grande Chefe, o Maquinista da Locomotiva da História” (Ibidem, p.102), “pai do mundo do trabalho, corifeu das ciências” (Ibidem, p.118), a “mais alta autoridade científica do mundo” (LÖWY, 2013, p.215). Mais do que separar-se dela, o socialismo soviético se apropriou da religião, criando ritos, heróis, liturgia e iconoclastia própria, como o fizera antes o Estado burguês-positivista.

Publicações como a revista mensal ilustrada *O Bezbozhnik* (Sem Deus), que apareceu pela primeira vez na URSS no Natal de 1922, e foi largamente distribuída, movia a luta contra a religião não por razões políticas, mas em nome da “ciência”, espécie de deusa leiga que positivistas burgueses e soviéticos tinham em comum. Depois, em fevereiro de 1956, com os informes sobre Stalin apresentados por Kruchov durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, a ressignificação religiosa continuou, mas agora “o semideus virava demônio” (REIS FILHO, 2003, p.122). Assim, na modificação continuada desse processo de ateísmo com culto iconoclasta de Estado, “retirou-se o corpo de Stalin do mausoléu onde descansava ao lado de Lenin; rebatizou-se Stalingrado, símbolo maior da Grande Guerra Pátria, atribuindo-lhe o prosaico nome de Volgogrado” (Ibidem, p.127).

Dessa forma, levando para dentro do partido essa hermenêutica científica do positivismo burguês, cravou-se o prego do preconceito metafísico, ontológico do ateísmo, típico do cientificismo positivista, colocando-o acima da análise histórica do papel, na luta de classes, dos sujeitos coletivos dotados de ideologia confessional. Trocaram-se, em suma, as prioridades. A prioridade metafísica ficou acima da análise histórica, gerando consequências permanentes na história da URSS no que se refere às relações entre religião e socialismo.

Nesse sentido, no contexto da Segunda Guerra, quando se buscou a unidade patriota russa também por meio da Igreja Ortodoxa, como observou Enrico Vigna em seu artigo sobre “O Papel da Igreja Ortodoxa Russa na Grande Guerra Patriótica e na

vitória sobre o nazifascismo”, a tese do ateísmo continuou firme como dogma oficial do socialismo soviético, independente da atuação dos ortodoxos na guerra. Assim, no outono de 1944 o comitê central do partido comunista declarou que fossem “evitadas ações repressivas contra a religião e a Igreja”, recomendando, porém, que “a luta antirreligiosa” continuasse sendo conduzida “no plano ideológico”, no âmbito da “propaganda científico-educativa” (VIGNA, 2015).

Os crentes russos foram às trincheiras combater o nazifascismo, em nome da pátria russa, mas com a identidade civil de patriotas de segunda categoria, apenas pelo fato de serem crentes, conforme a dogmática metafísica ateísta do socialismo soviético, dogmática essa que continuará em vigor na URSS até seu declínio final, conforme o relato que veremos a seguir feito pelo teólogo Clodovis Boff.

3.0.Sobre a persistência de uma tese exógena.

O teólogo brasileiro Clodovis Boff fez parte de uma delegação de pesquisadores que esteve na União Soviética durante duas semanas, entre junho e julho de 1987, em viagem de estudos e debates a convite da Igreja Ortodoxa Russa. Naquela ocasião, o dirigente soviético Kharchev explicou-lhes que, sendo o “Partido ideologicamente ateu”, “os crentes não podem pertencer a seus quadros, não chegando a ocupar postos de direção na sociedade” (BOFF, 1989, p.66), confirmando a tese apriorística da luta metafísica contra a racionalidade religiosa, independente da posição histórico-política dos sujeitos coletivos confessionais na luta de classes. Na URSS, tal tese-crença permanecerá intacta até o declínio final do socialismo soviético.

De fato, nessa viagem de 1987, diante desses pesquisadores brasileiros, o dirigente soviético Kharchev defendeu o ateísmo como sendo constitutivo do Partido, recorrendo a motivos científicos semelhantes aos usados por Lenin em 1905: “É ateu porque representa a vanguarda histórica, a frente mais avançada da consciência de um povo” (Ibidem, p.77).

Questionado por Clodovis Boff a respeito da abertura aos socialistas crentes praticada por outros partidos comunistas, em outros lugares do mundo, Kharchev respondeu: “Respeitamos o caminho dos partidos irmãos, mas nossa posição é outra” (Ibidem, p.77). Ora, em um Estado cuja Constituição conferia ao Partido a função de guia exclusiva da sociedade, competindo-lhe “definir a perspectiva geral do desenvolvimento da sociedade” (art.06), esse confessionalismo (ateísmo) de partido acabava sendo, também, na prática, confessionalismo de Estado.

Tal posição foi mantida também pelo revisionista Mikhail Gorbachev que, no final de 1986, dirigindo-se ao Partido na muçulmana República Soviética do Uzbequistão, destacou que é preciso “levar uma luta impiedosa contra as manifestações religiosas” e “reforçar a propaganda ateia” (*Ibidem*, p.79).

Portanto, a desconsideração em relação à religião e à racionalidade religiosa permaneceu como dogma soviético desde sua origem leninista e ao longo do desenvolvimento e declínio do socialismo soviético, sustentada como tese marxista, desconsiderando qualquer possibilidade de interpretação do materialismo do marxismo como materialismo laico, nem crente nem ateu, focado na análise das conexões entre relações materiais de produção e reproduções ideológicas (leigas ou confessionais).

Conclusão

Durante essa sua estada na então URSS, Clodovis Boff constatou que

Os homens do Partido, com efeito, estão convencidos de que a posição ateia representa o nível mais avançado de consciência. A discussão que tivemos com intelectuais da Academia de Ciências de Moscou o deixou claro. (...) A gente, porém, pode perguntar se a questão (de qual é o estágio mais avançado da consciência: a religião ou o ateísmo) se decide politicamente, com os meios de força de que dispõe todo Estado, ou se não deve antes ser resolvida por via própria, ou seja, pela expressão livre e confronto público das próprias ideias (*Ibidem*, p.79).

E concluiu:

Na União Soviética, o leninismo, para quem o ateísmo é essencial ao marxismo, tornou-se dogma a crer e não mais diretiva a se testar na prática. E se a prática protesta contra a ideologia? É a prática que está errada. Hoje (1987) a religião não representa mais na União Soviética realmente uma força antissocialista, nem mesmo talvez uma verdadeira ameaça antisoviética. Contudo, surpreendentemente a ideologia ateia fica, passando os fatos para o segundo plano (*Ibidem*, p.79).

O que ocorreu, concluindo, porque, a nosso aviso, lá nas origens do socialismo soviético a metafísica do ateísmo, de matriz burguesa, iluminista-positivista, foi cravada como prioridade acima da análise histórica do papel político na luta de classes dos sujeitos coletivos dotados de ideologia confessional, conforme tentamos verificar ao longo desse artigo.

Referências

BENTO, Fábio Régio. **Igreja Católica e Revolução na América Central** – Quebra de paradigma na Nicarágua. *Revista Conjuntura Austral*. UFRGS. Vol.07, n.33-34, p.16-32, dez.2015-jan.2016.

_____. **Marxismo e religião**. Revolução e religião na América Central. Jundiaí-SP: Paco, 2016.

BOFF, Clodovis. **Cartas teológicas sobre o socialismo**. Fé e militância 1. Petrópolis: Vozes, 1989.

CARDENAL, Fernando. **Junto a mi pueblo, con su revolución-Memorias**. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

CARLETTI, Anna; FERREIRA, Marcos Alan. **Religião e Relações Internacionais**. Curitiba: Juruá, 2016.

COIMBRA, Leonardo. **A Rússia de hoje e o homem de sempre**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1962.

HAYNES, Jeffrey. **Religion, politics and International Relations – Selected essays**. New York: Routledge, 2011.

LENIN, Vladimir. **Socialismo e Religião** (Sotsializm i Religia). Revista Novaia Zhizn (Nova Vida), n.28, 03 dez. 1905. Disponível em:
<http://www.fishuk.cc/2014/08/religiao.html>. Acesso em: 12/05/2017. Texto em russo em: http://www.revolucia.ru/soc_relg.htm.

LÖNNE, Karl-Egon. **Il cattolicesimo politico nel XIX e XX secolo**. Bolonha: Il Mulino, 1991.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses** – Religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen** – Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez, 2013.

LUXEMBURGO, Rosa. **Textos escolhidos. Volume I** (1899-1914). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MARTINA, Giacomo. **Storia della chiesa** – l'età del liberalismo. Brescia: Morcelliana, 1995.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

PAPA FRANCISCO. Audiência Geral de Quarta-feira, 21 de Janeiro de 2015. Disponível em:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150121_udienza-generale.html. Acesso em: 19 de junho de 2017.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SPINELLI, Lorenzo. **Lo Stato e la chiesa**. Venti secoli di relazioni. Turim: Utet libreria, 1988.

VIGNA, Enrico. **Il ruolo della Chiesa Ortodossa Russa nella Grande Guerra Patriottica e nella vittoria sul nazifascismo**. 2015. Disponível em:

http://www.civg.it/index.php?option=com_content&view=article&id=645:il-ruolo-della-chiesa-ortodossa-russa-nella-grande-guerra-patriottica-e-nella-vittoria-sul-nazifascismo&catid=2. Acesso em: 29/05/2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.